

# A vulnerabilidade e a força das mulheres negras

» ELEONORA MENICUCCI

Ministra de Estado Chefe da Secretaria de Políticas para as Mulheres

Basta um mínimo de sensibilidade para perceber que ser mulher no Brasil exige lutar o tempo todo, desde pelo direito à vida própria (autonomia) até o direito à própria vida (no enfrentamento à violência). Se a mulher for negra, essa exigência chegará ao absurdo. Isso, apesar do espaço conquistado por meio das lutas históricas das mulheres em geral, e das negras em particular. Lutas que conseguiram se traduzir em políticas públicas; aliás, razão de ser da Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM): enfrentamento à violência, acesso a trabalho e renda, à educação e



ao Brasil. Na dura vida de empregada doméstica no Paraná, sua moeda de troca com os patrões é o estudo. Ele será sua porta de saída para o escritório, isso, depois de fugir para Cuiabá. Já em Brasília, cursa jornalismo, contata a Embaixada de Angola e revê sua família. Hoje, essa angolana-brasileira é repórter da TV Angolana.

— Menina da periferia paulistana sonha com a USP — isso, antes das políticas afirmativas do governo Lula. Essa narrativa, em forma de ensaio, compara o antes e o depois dessas políticas para a população negra. No antes, as tentativas de entrar na USP, os cursi-



## ARI CUNHA

DESDE 1960

**VISTO, LIDO E OUVIDO**

aricunha@dabr.com.br  
com Circe Cunha // circecunha.df@dabr.com.br

## O preço do brinquedo e do real

Eleitores e torcedores usam camisas parecidas. Ao longo da história, ditaduras de direita e de esquerda têm, a seu modo, utilizado o esporte, principalmente o futebol, como elemento de propaganda de governo, capaz de emprestar uma face mais suave e popular a seus atos. Agitadas ao vento, as bandeiras respiram ideologias. Governar, nesse caso, se resume a por o time em campo. O adversário é a oposição. Brigas entre torcidas ou partidários são aceitas como naturais. Morrer faz parte do jogo. Curiosamente, são os países que mais venceram as Copas do Mundo aqueles que mais recorreram a esses expedientes de marketing. Na Argentina dos Kirchner ou do general Jorge Videla, o futebol se prestou bem a esse papel. No Brasil da época "ame-o ou deixe-o", o tricampeonato de futebol, conquistado no México, envolveu o general Médici de uma certa áurea populista e moderna, emprestando ao governo dele a legitimidade ilusória que faltava. Era o autêntico protótipo do brasileiro pacífico e cordial. Médici chegou a erguer a Taça Jules Rimet para todo mundo ver, como se fosse o verdadeiro capitão do time. A pátria de chuteiras tem que se concentrar em torno do seu treinador ou líder político. Paixão nacional é diferente de amor pelo país. Reforçar ou canalizar vultosos recursos para os times, facilitando e incentivando a construção de templos e arenas luxuosas para o futebol é plenamente justificável e necessário. Nesse sentido foi que, pouco antes de deixar o governo, Lula se fez de garoto-propaganda do Brasil perante a suspeitíssima Fifa. Na ocasião, empenhou o país como futura sede da Copa do Mundo. Bilhões foram liberados. O cidadão, indiferente ao futebol, preocupado com o próprio dia a dia, não dá atenção aos contrastes e, com silêncio e apatia, deixa que tudo fique como está. (Circe Cunha)

» A frase que foi pronunciada

saúde e de empoderamento político.

Mas como a vulnerabilidade é mais aguda para as negras? Uma leitura das estatísticas, somada à escuta de narrativas delas, abre uma fresta para o entendimento dessa realidade.

As mulheres são mais da metade da nossa população (51,5%, ou 100,5 milhões). As negras são metade das brasileiras: 50,2 milhões (Pnad/IBGE, 2011). Além do peso do estigma sexista, elas, as mulheres negras, suportam sozinhas o peso da herança escravista. E a desigualdade trazida pelo sexismo é mais desigual ainda para com as negras. Por exemplo, no trabalho. Se para as mulheres em geral, a dedicação desigual às tarefas domésticas e aos cuidados com filhos e idosos dificulta seu ingresso e ascensão no mercado, para as negras essas barreiras tornam-se verdadeiros pedágios sociais.

Esses, se conseguido o acesso, geram diferença de ganho. Se as mulheres em sua grande maioria ganham menos do que os homens, e os negros também no geral ganham menos do que os brancos, essas duas condicionantes enfeixam-se perversamente nas negras e derrubam mais ainda os seus rendimentos. Para a sociedade, consideradas as mesmas funções, é "natural" que uma negra ganhe 30% menos do que uma branca.

Acrescente-se que o mapa do país tem gradação de cor, determinada pela pobreza. Há mais negras nas regiões mais pobres: no Nordeste, 68,9% delas são negras; no Norte, 73,4%; no Centro-Oeste, 54,5%; no Sudeste, 42,1%; e no Sul, 20%.

É por tudo isso que, além das políticas públicas voltadas às mulheres, a SPM alinha todas as suas ações ao combate ao racismo. Uma dessas iniciativas terá seu ponto alto na terça-feira, quando se homenagearão as vencedoras do Prêmio Mulheres Negras Contam sua História.

O prêmio contempla relatos das negras e as tira do anonimato para assim reposicioná-las como sujeitos na construção da história do Brasil. Com isso, permite ao país conhecer (e se reconhecer num) um acervo de narrativas preciosas pelos dramas, pela coragem e pelas atitudes.

Cito três exemplos, dos 520 redações e ensaios inscritos:

— Uma menina foge da guerra em Angola, exila-se em Portugal e finalmente chega

nhos comunitários, a alimentação à base de pão e iogurte barato. Finalmente, enfermagem. Mas ali, de negros, só estudantes — e, mesmo assim, apenas 10%.

— O bullying marca o relato de uma pernambucana filha de famoso militante e poeta. Já no Rio, na mistura de convivência e poesia do duro dia a dia, ela teve de conviver com o apelido dado a quem estudava na sua escola. Com o lanche ali resumido a mate e angu, viram-se todos e todas ainda por cima cruelmente carimbados de "mate com angu".

É essa realidade, contada pela voz forte dessas mulheres e pelos números, que cabe a todos mudarmos. O que já foi conquistado, pela sociedade e pelo governo, deve ser cada vez mais consolidado — e como marca de compromisso, para banir de vez o preconceito racial. Por fim, lembro que o enfrentamento cotidiano à violência e aos preconceitos em nosso país tem três faces inseparáveis: gênero, raça e classe social — mulheres, negras e pobres, na grande maioria. Só será possível erradicá-los por meio de uma mudança de valores e comportamentos na sociedade, para que ela se torne mais justa, baseada no respeito, na autonomia e na igualdade entre homens e mulheres.

# Aborto, não

» WANDERLEY M. D. FERNANDES

*Cirurgião, docente de medicina da Escola Superior de Ciências da Saúde (ESCS), membro titular da Sociedade Brasileira de Cirurgia Oncológica*

O Conselho Federal de Medicina anunciou que vai encaminhar à comissão especial do Senado que trata da reforma do Código Penal proposta favorável ao aborto provocado de conceitos até 12 semanas de gestação, segundo opinião de consenso dos conselheiros das 27 regionais do país, durante o 1º Encontro Nacional de Conselhos de Medicina 2013. Inacreditável!

A propósito da Lei de Biossegurança, sobre células tronco-embriônicas, no mês de abril de 2007 o Supremo Tribunal Federal reuniu em audiência pública eminentes especialistas, mundialmente reconhecidos, para anunciar o quando começa a vida, e nada se conseguiu definir. A ciência demonstra irrefutáveis evidências de que nas primeiras cinco semanas de gravidez ocorre o desenvolvimento rápido do embrião. Em

governo os deve oferecer gratuitamente nas Unidades Básicas de Saúde. Educação sexual nas escolas, palestras nos postos de saúde e nas comunidades vulneráveis e suscetíveis em nada substitui, nem se compara à gravidade de facultar médicos a provocar abortos.

Trabalhos do norte-americano Elliot Institute, de Illinois, demonstram que o número de casos de depressão e de doenças mentais se eleva a mais de 300% após acatadas interrupções de gestações. Sobre decisões, Ran Hassin, professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, no recente livro *New Unconscious (Nova inconsciente)*, não só reverencia a descoberta de Freud (1856-1939), como, cientificamente, define comportamento inconsciente e suas consequências.

Sabe-se que a consciência ocupa apenas cerca de 5% do cérebro. O que conceituar

anteriores, e instintos e reações vêm "instalados". Ajusta-se com o tempo à realidade vivida e guia o comportamento social, independentemente da consciência. Daí, na tomada de decisões, o livre arbítrio, anunciado por Santo Agostinho (354-430), passou a ser uma simples ilusão. Aniquilar a espécie seria arquetípico.

Para a psicanálise moderna pós-edipiana, de responsabilização, a mulher que resolve engravidar ou engravida sem resolver, afora estupro, aceita a priori, no ato sexual, seus desdobramentos e complicações. Direito ao próprio corpo se traduzirá como liberdade à cópula e ao extermínio. Num país onde se mata por tudo e por nada, legalizar abortamentos, simbolicamente, pode representar um para além da autorização, um estímulo.

Na Resolução nº 1.205, de 2006, o Conse-

## "A paz começa com um sorriso."

Madre Tereza de Calcutá

### Agora vai?

» Marta Suplicy explicou que, em breve, haverá garantias de que o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad) seja fiscalizado mais detalhadamente e de forma mais isenta. O Procultura era um projeto bastante esperado. Mas vai caber aos interessados acompanhar o processo. A própria ministra se mostrou descrente em mudanças radicais. Ela disse que a fiscalização será difícil e convidou a todos para ver se vai funcionar. É assim que nascem as regras por aqui. Na base do "ver se cola".

### Importante

» Multa de R\$ 100 mil e prisão de até 6 anos. Era assim que o senador Humberto Costa queria ver aprovado o projeto que torna crime a venda de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos. Por enquanto, o projeto prevê reclusão de 2 a 4 anos em casos de flagrante e multas de até R\$ 10 mil. Agora é acompanhar a contribuição da Câmara dos Deputados.

### Marcas

» Parou o trânsito, na Asa Norte, uma filmagem com carros de corrida escoltados pela PM e pelo Detran. Eram integrantes da corrida de marcas da Petrobras que vão participar dos festejos da cidade.

### Sem noção

» Ainda vamos fazer uma coluna só com absurdos da burocracia. Ontem, tivemos

uma das universidades da capital. O volume 1 só poderia sair na sexta-feira. Dia de semana ficava preso na prateleira. Um livro que só é liberado nas sextas-feiras? Não estava na cadeia nem era boêmio. A explicação: se alguém precisasse dele para estudar na biblioteca durante a semana, ele tinha que estar disponível na estante. Mas se alguém quisesse estudar em casa, só poderia levar na sexta-feira. Até agora tem muita gente tentando entender essa dinâmica.

### Sem relação

» Por falar nisso, é bom lembrar que as escolas públicas de Brasília não permitem que os alunos levem livros para casa. E mais: ninguém forma a própria biblioteca. Os livros dados pelo governo voltam para as escolas.

### Educação

» A Comissão de Valores Mobiliários e a Secretaria Nacional do Consumidor do Ministério da Justiça estão juntos para proteger consumidores investidores. O tema da discussão foi "Consumir, poupar e investir, o desafio de decidir".

### Do Bolinha

» Enquanto isso, a calculadora do Banco Central está disponível para qualquer cidadão que precisar de ajuda para saber quanto de juro é cobrado nas prestações que está pagando. Por incrível que pareça, ao calcular a cobrança parcelada dos cartões de crédito, até hoje

O desenvolvimento rápido do cérebro. Até até três meses, o coração bate, o sistema nervoso já se constitui e todos os principais órgãos e sistemas do corpo são intensamente formados. A aparência do embrião se torna inquestionavelmente humana. A partir da oitava semana, nomeado feto, se movimenta, reage a estímulos, sofre influência das emoções maternas, sorri e chora.

Olhar só para a situação da mulher distorce os fatos. Pesquisas mostram que, em mais de 90% dos casos, quem decide fazer o aborto é o homem da mulher. Se de 800 a 1 milhão o praticam por ano, certamente, o que faltam são informações preventivas sobre métodos anticoncepcionais, e que o

cerébro de 1/3 do cérebro. O que concebemos como decisão? O poder de decidir na própria vida está a cada dia menos obscuro. Não temos controle sobre isso. Michael Gazzaniga, neurocientista da Universidade da Califórnia, em 2012, no livro *Whos's in charge (Quem está no comando)*, demonstrou que o embasamento para as nossas decisões não pertence à imediata aparente lúcida razão do momento, mas, sim, à máquina de justificativas pré-fabricadas e secularmente arquivadas no lado esquerdo do cérebro, que manipula as informações para fazer com que o que decidimos pareça fazer sentido.

Ao nascer, o cérebro já vem com programação genética, assimilada por gerações

na Resolução nº 1.009, de 2009, o Conselho Federal de Medicina permitiu a médicos suspender tratamentos a doentes definidos como em fase terminal ou incuráveis, respeitada a vontade da pessoa. Aprovada a prerrogativa da prática do aborto na comissão especial do Senado, aproximará, por demais, médicos do viés prático da opção morte. Se até três meses o embrião existe como senciente, divide concepcionistas e sencientistas, porém, nas questões de vida, da medicina sabemos que 1% de chance implica 99% de empenho. Ser médico não é apenas uma profissão, é um estado de espírito, é se doar com responsabilidade, método e compaixão. Fazer aborto, não.

durocracia, Oriente, vi uma inacreditável. Quis pegar um livro na biblioteca de

cartões de crédito, até juros sobre juros a tal calculadora faz as contas com perfeição.

## » História de Brasília

Senhoras que faziam compras numa casa da Rua Domingos de Moraes, em São Paulo, fugiram espavoridas quando um cavalo ali entrou pela vitrina. Sangrando abundantemente pelos cortes recebidos nos vidros partidos, o cavalo andou pelos balcões da loja de modas e danificou as mercadorias, manchando-as de sangue. O proprietário, Hermann Kryns, depois de, sem êxito, tentar retirar o animal, chamou o Corpo de Bombeiros. (Publicado em 16/6/1961)

CMYK

